

**ASSUNTO TEMÁTICO: “O PAPEL DA  
AÇÃO SOCIAL  
DA IGREJA NO MUNDO URBANO HOJE”**  
**EXPOSITOR: REV. ANTONIO JOSÉ**  
**Sábado, 15 de setembro de 2007**  
**Governador Valadares-MG.**

**ASSUNTO TEMÁTICO: CONHECENDO A  
ORIGEM DO CONTINENTE  
LATINO-AMERICANO**

A América Latina é um dinâmico tapete, um vivo mosaico, um kaledoscópio. Nenhuma analogia fará justiça a este continente em crise. Claramente, uma perspectiva pessoal das pressuposições cosmovisões adquiridas acerca deste vasto continente e de seu povo. O turista vê somente a estreita realidade que lhe é apresentada e raramente terá uma percepção justa, correta e abalizada da realidade latino-americana. Os repórteres internacionais, por sua vez, focalizam simplesmente aqueles assuntos que servirão de caixa de ressonância positiva para a sua agência internacional: Crime, violência, insegurança e instabilidade econômica. Mui raramente terá o turista ou o jornalista internacional, condições de

entender a complexidade histórica e espiritual da América Latina e o seu legado hispano-lusitano.

Cada um tem sua própria perspectiva. Seja ele um historiador marxista, religioso ou secular. O que fará um pesquisador cristão, estudioso sobre a América Latina? Espera-se que o cristão utilizará todos os recursos disponíveis para entender a América Latina e o nosso povo. O problema é que trabalhamos já munidos com uma série de pressuposições ou pré-entendimentos, os quais guiam-nos a fazer uma aferição e um julgamento de “fato e de valor” sobre o nosso continente. Nós cristãos, temos falhado em não sermos hábeis para fazer uma leitura histórica neutra sobre a cristianização do continente e qual tem sido o papel da Igreja. Por que isso acontece? O teólogo William Taylor, professor da Universidade de Dallas, em sua obra *Crisis in Latin America* elucida o seu pensamento sobre o assunto, sugerindo quatro razões porque isso acontece, Vejamo-las de forma categorizada: 1

1) Isso acontece porque, muitas vezes, a nossa percepção histórica dos fatos já está pré-estabelecida;

---

<sup>1</sup> Taylor, William. *Crisis in Latin America* (Chicago, Illinois: Moody Bible Institute, 1989), 21.

- 2) Porque a nossa percepção histórica está arraigada nos valores da classe média ou dominante, ou de um certo contexto socio-econômico;
- 3) Porque a nossa percepção histórica é auto-protecionista, visando salvaguardar o status quo da Igreja;
- 4) Porque a nossa percepção histórica é exacerbadamente institucional e denominacionalista.

Se nós desejamos construir a nossa cosmovisão, precisamos suplicar ao Espírito de Deus, iluminação para um claro entendimento da América Latina, ao fazermos a nossa leitura histórica.

Alguém que viaja pela através da região, mesmo que seja em só país, pode ser hábil para concluir que não existe somente uma única América Latina, mas muitas. Nós podemos focalizar suas múltiplas raças: Espanhóis, portugueses, Índios, Europeus, Africanos e Orientais, numa profunda mistura genética que faz a América Latina ser o que ela é. Pode-se constatar a sua variedade geográfica: das áreas desérticas até as suas florestas tropicais, dos vastos pampas até a alta cordilheira dos Andes, que corta quase toda o continente. Pode-se pensar, também, em termos de

regionalidade: México no norte, as nações caribenhas, os países da América Central, As nações Andinas, E os países do cone sul, incluindo o Brasil: Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai.

Não existe somente uma língua falada por todos na América Latina. O espanhol é a língua nacional na maioria dos países (cerca de trezentos milhões de habitantes). O idioma inglês é a língua falada em alguns outros (Bahamas, Guiana Inglesa, Belize, Jamaica) e o português é a língua falada no Brasil (cerca de 160 milhões de pessoas). Contudo, existem ainda cerca de 670 línguas e dialetos falados em toda a América Latina. A maioria absoluta dessas línguas já eram línguas faladas antes de Colombo pisar nas terras do novo mundo. Por exemplo, há na Guatemala vinte e cinco línguas diferentes. Se nós atentarmos para o elemento socio-econômico como fator determinante, existem várias Américas para confundir o observador. Existe uma classe alta dominante correspondente de três a cinco por cento (3% a 5%), uma classe média correspondente a quinze por cento (15%) e uma classe baixa correspondente a oitenta por cento (80%) da população. Inserido na chamada classe baixa existe uma faixa de vinte por cento de miseráveis, ou seja, que vivem em extrema pobreza.

## **1. A CONTROVÉRSIA ACERCA DO NOME**

Assim, se não existe uma só América Latina, o que, então, devemos fazer para ser a América Latina? O renomado escritor Colombiano Germán Arciniegas em sua obra “*Latin America: A Cultural History*” faz a seguinte assertiva sobre os vários grupos étnicos que formam o mosaíco lationo-americano:

A América está dividida em quatro grupos étnicos distintos: 1) Hispano-Americanos, América Portuguesa (Brasil), América Inglesa (U.S.A), e América Anglo-Francesa (Canadá). Quando os quatro processos históricos são claramente delineados, um melhor entendimento de suas diferenças e semelhanças torna-se possível. Por causa de uma série longa de experiências (três séculos de dominação espanhola), os habitantes da América-Hispânica falam espanhol, e junto a língua falada, são predominante católicos como os seus colonizadores. A América Portuguesa do Brasil recebeu como legado de seus colonizadores a língua portuguesa, o catolicismo romano e uma cultura diversificada de vários povos: negros, índio, brancos e europeus imigrantes nos últimos dois séculos. A América Inglesa dos Estados Unidos construiu a sua língua, tão rica quanto o

seu país, herdando os primeiros habitantes das treze colônias o espírito de tenacidade no trabalho e a devoção ao seu Deus e aos valores éticos e morais de sua fé. O povo da América Anglo-Saxônica do Canadá, fala duas línguas: O Inglês e o Francês. O Canadá está incluído entre os cinco maiores países do mundo, com uma população bastante pacífica e homogênea. Para nós, estas quatro Américas são quatro províncias numa massa continental, caminhando juntos em trilhas separadas na busca da mesma coisa: Liberdade.<sup>2</sup>

Como foi, então, que esta vasta área foi batizada com o nome de “América”? Certamente Cristovão Colombo não imaginou isso. Ele estava convicto que havia descoberto o caminho para a Índia, ou mesmo, que havia alcançado as costas da Índia. Por estar convencido disto, ele chamou os nativos habitantes da terra de “Índios”. Imediatamente, a Espanha denominou as terras recém-descobertas de “Índias Ocidentais” nos seus mapas, cujo título permaneceu por quase quatro séculos. No tempo em que tornou-se claro que as terras descobertas tratavam-se, realmente, de um “novo mundo”, já era muito tarde para retificar o erro, ou mesmo,

---

<sup>2</sup> Arciniegas, Gérman. *Latin America: A Cultural History* (New York: Alfred A. Knopf, 1972), 26.

não havia razão para isso, conforme pensavam os colonizadores.

Na verdade, o título originou-se de um italiano que seguiu a Colombo, segundo é historiado por Donald Marquand Dozer, em sua obra “*Latin America: An Interpretative History*”:

Entre 1499 e 1502, um homem de negócios de Florença (Itália) possuindo negócios em Sevilla (Espanha), Americo Vespucci, realizou três viagens no curso das quais descobriu a foz do Rio Amazonas e explorou toda a Costa da América do Sul, desde a Venezuela até o Rio da Prata (Argentina). Suas descobertas tornaram-se notórias em toda a Europa da época, e assim, as terras do novo mundo, passaram a ser chamadas de América, em homenagem àquele navegador.<sup>3</sup>

Quando os “Estados Unidos da América” foi escolhido como o nome da república Norte Americana, os franceses, por sua vez, começaram a chamar os povos de língua espanhola e portuguesa de “Latino Americanos” tendo em vista das línguas faladas, as quais possuíam sua origem latina. Alguns outros nomes foram sugeridos, tais como: “América Hispânica,” ou “Íbero-América.”

---

<sup>3</sup> Dozer, Donald Marquand. *Latin America: An Interpretive history* (Tempe, Arizona: Arizona State University, 1979), 9.

A realidade é que nenhum destes nomes é completamente abrangencial e adequável para entender e descrever a rica complexidade histórica e cultural dos povos que compõem o que é chamado hoje de “América Latina.” Todos estes nomes alijam completamente a herança índia e negra que os povos atuais do continente receberam dos seus antepassados.

O escritor Colombiano, prêmio nobel da literatura mundial Germán Arciniegas, em seu livro “*Latin America: A Cultural History*,” ressalta alguns elementos que cimentam a história dos povos Latino-Americanos:

Uma herança comum pré-colombiana; a conquista hispânico-portuguesa; o período colonial e os movimentos de independência; a herança religiosa da Igreja Católica Romana em todos os segmentos da vida; um misticismo religioso muito forte oriundo dos diversos povos formadores da América Latina; uma profunda diversidade cultural e musical, com seus ritmos eletrizantes; Uma comunicação de gestos e de linguagem mais dinâmica e agressiva, tornando-os uma cultural tocável (Latin America Touchble Culture versus North America Untouchble Culture).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Arciniegas, Germán. *Latin America: A Cultural History* (New York: Alfred A. Knopf, 1972), 27.

## **2. O CONTEXTO HISTÓRICO**

O apogeu das missões Católicas dá-se entre os anos 1600 a 1800 d.C.. Entretanto, para que isso acontecesse, existiram muitos fatores corroborativos. Como em toda mudança de paradigma, no caso, de “Idade Média” para a “Idade Moderna,” houveram muitas mudanças e descobertas em todos os campos: Intelectual, geográfico, social, econômico e político.

No cenário mundial das grandes potências colonizadoras, dois países, ambos católicos, destacam-se naquele período da história: Portugal e Espanha. Portugal foi a vanguarda, partindo primeiro nas suas viagens dalém mar. A Espanha do século XV, ainda tinha como preocupação a expulsão dos mouros que haviam invadido o seu território.

As grandes descobertas na era da navegação como a bússola, o astrolábio, o mapeamento dos mares, o uso dos conhecimentos astronômicos, influenciaram os aventureiros navegadores a saírem em busca de novos caminhos para alcançar a Índia e China, e a busca de novas terras e riqueza, principalmente “o ouro,” “él oro.”

Entretanto, havia outro forte motivo: o motivo religioso. Muitas expedições saíram com o intuito de livrar Jerusalém do domínio dos turcos. Um grande exemplo disto foi o desejo expresso por Cristovão Colombo, de acumular riquezas enquanto explorava à espanhola, afim de montar um exército para chegar a Jerusalém, desejo este que foi deixado em seu testamento de herança para seus descendentes, com cláusula condicional.

No nacionalismo espanhol estava imbuído o fervor católico. Igreja e estado não possuíam funções tão distintas. O espanhol possuía em seu caráter e personalidade a influência muçulmana do fanatismo religioso pela fé católica. Ser mensageiro da coroa Espanhola em outras nações, era uma honra; mas, muito maior honra estava no fato de ser um representante da “Santíssima Igreja” a os povos bárbaros e pagãos, conforme era difundido.

Nesse contexto, é imprescindível que seja notabilizado o domínio que Igreja possuía sobre as emoções e mentes das pessoas. A compreensão prevalescente e lógica era que Deus enviou seu filho Jesus ao mundo, como o mais importante dos homens para cumprir uma missão. Este, deixou o seu domínio aqui na terra nas mãos de seu representante: o apóstolo Pedro. Pedro, por sua vêz, delegou poderes aos santos

papas, os quais foram sucessivamente, sentaram no trono de pedro revestidos de poder espiritual e temporal, e com a incumbência de cristianizar os povos. Portanto, na descoberta das novas terras, olhando nessa perspectiva, nada seria mais aceitável do que a decisão do papa Nicolau V, no ano de 1454, através da Bula *Romanus Pontifex*, outorgando aos portugueses o direito a todas as terras descobertas dos “infiéis,” em toda a costa ocidental da África. Como a Espanha também entrou no negócio rentável das navegações e consequentes descobrimentos de novas terras, dá-se a necessidade de dividir o globo terrestre entre os soberanos portugueses e espanhóis.

Os papas davam o “direito” às novas terras descobertas ou a descobrir, desde que houvesse o compromisso de converter os pagãos ao cristianismo católico, independentemente dos meios utilizados. Daí, muitos historiadores afirmarem que os grandes instrumentos das missões católicas foram “a cruz e a espada.” E foi justamente a espada que impediu muitos povos de chegarem a cruz, pois a crueldade dos colonizadores era o maior obstáculo à evangelização.

### **3. AS RAIZES DO DESCOBRIMENTO**

O ano de 1492 tornou-se um linha dupla de demarcação, uma dupla demarcação de Uma nova era. O primeiro grande evento foi a descoberta espanhol do “novo mundo”. O segundo grande evento foi a descoberta portuguesa do Brasil. Os portugueses, originalmente, não possuíam um grande interesse no lado ocidental do mundo. Seu interesse estava voltado para a África e Ásia, e seus experientes navegadores cruzaram os oceanos com este fim. Eles tornaram-se, juntamente com a Espanha, os grandes poderes do mar, e, por longo tempo, monopolizaram as rotas oceânicas até que descobriram o caminho para a Índia. Contudo, os interesses comerciais, eventualmente, tornaram conflituosos o relacionamento daquelas duas potências marítimas, eclodindo assim no tratado de tordesilhas no ano de 1494. Naquela ocasião, o papa Alexandre VI, juntamente com os monarcas daquelas nações chegaram ao acordo de dividir o mundo recém-descoberto e as terras ainda a descobrir nas esferas de operação hispânico e portuguesa. Uma linha imaginária foi traçada, dando a Portugal todas as terras descobertas e a descobrir num ângulo de 180 graus ao oriente a começar em Cabo Verde; também todas as terras num ângulo de 180 graus ao ocidente seriam da

Espanha. Mais tarde, houve mudanças no tratado para dar a Portugal as terras do Brasil, descobertas em 1500.

Alguns historiadores afirmam que uma leitura superficial dos escritos de Colombo têm dado uma falsa impressão de que este só estava a procura de ouro. Para os mesmos, a partir de uma leitura acurada, falar das riquezas e de ouro eram formas de Colombo animar, dar esperança para sua tripulação, devido ao poder atrativo do ouro. A exemplo do texto, segue as palavras de Tzvetan Todorov, em sua obra *A Conquista da América: A Questão do Outro*: “Neste dia, eles perderam completamente de vista a terra. Temendo não tornar a vê-la por muito tempo, muitos suspiravam e choravam. O almirante reconfortou a todos com grandes promessas de muitas terras e riquezas, para que eles conservassem a esperança e perdessem o medo que tinham de um caminho tão longo.”<sup>5</sup>

Fica assim evidenciado que, embora a busca do ouro tivesse o seu lugar, uma outra razão deveras importante esta no âmbito religioso. Colombo trazia sobre si todo o pensamento da alma ibérica bem como a responsabilidade delegada pelo papa

---

<sup>5</sup> Ibidem, 8.

Alexandre VI e pelos reis católicos: Cristianizar e converter os infiéis das novas terras.

Cristovão Colombo também tinha o intento de descobrir o caminho para a China e encontrar o grande “Can,” ou imperador da China, que, segundo o genovês Marco Polo (que ali esteve), havia pedido instrutores na fé cristã.

Tzvetan Todorov, em sua obra *A Conquista da América: A Questão do Outro*, registra parte de um texto escrito por Colombo no dia 12 de Novembro de 1492, aos reis de Espanha, contendo as seguintes palavras:

Creio que se começarmos, em breve, Vossas Altezas conseguirão converter à nossa Santa Fé uma multidão de povos, ganhando grandes territórios e riquezas, assim como todos os Povos da Espanha, pois há sem dúvida nestas terras, grandes quantidades de ouro. Vossas Têm aqui um outro mundo onde pode expandir-se muito nossa Santa Fé e onde se pode Tirar muito proveito.<sup>6</sup>

Numa terça-feira, à noite, dia 11 de Outubro de 1492, Colombo a vista e chega às terras do “novo mundo,” e suas primeiras impressões históricas

---

<sup>6</sup> Ibidem, 43.

dos primeiros dias, manifestam e evidenciam a beleza natural daquilo que ele viu.

Em seu diário, comentado por Joseph Judge e James L. Stanfield, e primeiramente editado por Bartolomeu de Las Casas, estão inseridas as seguintes palavras: “Alcançamos a costa e vimos muitas árvores grandes, muitos rios e uma grande diversidade de árvores frutíferas....A ilha é vastíssima e muito plana, densamente arborizada, muitos rios e lagos, com poucas montanhas”<sup>7</sup>

#### **4. PANORAMA GEOGRÁFICO E ETNOLÓGICO**

Para que tenhamos uma idéia da expansão geográfica da América Latina, são doze mil quilômetros (7 mil milhas) do Rio Bravo no México até o ponto mais distante do Chile. A distância da costa do Pacífico no Peru até a costa do Atlântico no Brasil, corresponde a seis mil quilômetros (3.2 mil milhas quadradas). A América Latina corresponde a 15% das terras do “globo terrestre,” com quatorze (14) milhões de quilômetros quadrados (7.7 milhões de milhas quadradas) e oito por cento (8%) da população mundial (cerca de 500 milhões). Isto faz a

---

<sup>7</sup> Joseph Judge and James L. Stanfield. *The Island of Landfall* (National Geographic, November 1986, 583, 586.

América Latina mais vasta do que os Estados Unidos e Canadá juntos somados treze milhões de quilômetros quadrados (7.5 milhões de milhas quadradas). O Brasil somente corresponde a cinquenta por cento (50%) das terras da América Latina, e é duas vezes maior do que a Europa Ocidental.

Mencionaremos as quatro maiores bacias fluviais da América Latina: O rio Magdalena e seus afluentes na Colômbia; o rio da Prata na Argentina incluindo os rios Paraguai, Uruguai e Paraná; O Rio Orinoco e seu afluentes na Venezuela; o rio Amazonas e seus afluentes no Peru e no Brasil. A bacia do rio Amazonas sobrepuja a nossa imaginação com um volume de água que transcende a combinação de outros três grandes rios juntos: “Nilo (Egito), Yantze (China) e o Mississippi (U.S.A.). O Rio Amazonas é o maior rio do mundo em volume de águas e o segundo mais longo cobrindo uma distância percorrida de sete mil quilômetros (4 mil milhas). Havia no passado uma importante frente missionária norte-americana no rio Orinoco na Venezuela com o propósito de alcançar as populações ribeirinhas, e possuía o nome de “Orinoco River Mission.” Hoje, este trabalho missionário está sob a direção da “Evangelical Alliance Mission” (Missão Evangélica Aliança).

Quando visitantes ou turistas caminham pelas ruas das grandes cidades brasileiras ou de outros países da América Latina ele facilmente constatará a diversidade deste povo: brancos europeus de diversos países, negros, mulatos, índios, asiáticos, etc. A América Latina é um verdadeiro mosaico racial, formado de três grupos raciais diferentes: Brancos Europeus da Península Ibérica (Portugal e Espanha), índios e negros.

Gérman Arciniegas, em sua obra *Latin America: A Cultural History*, dá-nos uma bela gravura de nosso mosaico racial:

As populações da Argentina e do Uruguai, por exemplo, são 90% de origem europeia, enquanto que a população do Paraguai é predominantemente originada dos índios Guaranis. A língua Guarani é majoritariamente falada no país. Não somente portugueses e espanhóis, mas também uma larga comunidade de alemães, italianos, japoneses, chineses, coreanos, povos árabes e outros, são encontrados aqui. O povo negro do Haiti fala francês, bem como o povo da Guina Francesa; A Guiana Holandesa (Paramaribo) fala holandês; Os negros das Bahamas, de Barbados, Trinidad Tobago, Panamá, Guiana Inglesa e Jamaica falam inglês como sua língua oficial. A Guiana Brasil fala português; os outros povos latinos falam

espanhol. Eis um povo multi-racial com uma profunda diversidade linguística e cultural.<sup>8</sup>

Quantos índios haviam na América latina quando os conquistadores espanhóis e portugueses aqui chegaram? Vejamos uma informação abalizada e fidedigna de Enrique Dussel, em sua obra *A History of the Church in Latin America: Colonialism to Liberation*:

Estima-se que havia uma população entre 40 a 80 milhões de indígenas. Não se sabe ao certo número exato, porém, o que se sabe com certeza, é que está claramente documentado de que houve extermínio em massa de milhões de índios por causa de moléstias trazidas pelos brancos, guerras e maus tratos por parte dos conquistadores. Exemplificando, somente no México, foi registrado documentalmente em 1532 o número estimado de 16.871. 408 índios, mas já em 1608, ou seja, oitenta anos depois, o número havia sido reduzido para 1.069. 255 indígenas.<sup>9</sup>

Através dos séculos, os índios latino-americanos têm tentado preservar sua própria

---

<sup>8</sup> Burns, Bradford E. *Latin America: A Concise Interpretive History* (Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1966), 6,7.

<sup>9</sup> Dussel, Enrique. *A History of the Church in Latin America: Colonialism to Liberation* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing House, 1981), 42.

estrutura social com ênfase na família, no clan e na tribo. A percepção do mundo possuída por eles está linkada a poderes supernaturais invadindo a privacidade da vida. Esta visão serve de guia e adequação para a vida pessoal e comunitária dos povos indígenas. Eles são basicamente animistas, adorando os espíritos dos mortos (seus antepassados) e da natureza. As três principais civilizações indígenas da América Latina quando os conquistadores hispânico-portugueses aqui chegaram eram: os Astecas no México, os Maias na Guatemala, e os Incas no Peru e em outros países andinos. As nações classificadas ainda hoje como “nações indígenas” são: México, Guatemala, Peru, Equador, Bolívia e partes da Colômbia. Centenas de pequenas comunidades indígenas estão espalhadas em outros países, tais como: Panama, Venezuela, e Brasil. Poucos países latinos tem demonstrado profunda apreciação por sua origem indígena tanto quanto o Paraguai. Não obstante, o espanhol ser a língua oficial, o “Guarani” permanece a língua do coração; ela é falada expressamente por todos os segmentos da sociedade e é um dom legado àquela nação coirmã pelo povo guarani que ali já se encontravam quando chegaram os conquistadores.

**ASSUNTO TEMÁTICO: “O PAPEL DA**  
**AÇÃO SOCIAL**  
**DA IGREJA NO MUNDO URBANO HOJE”**  
**EXPOSITOR: REV. ANTONIO JOSÉ**  
**Sábado, 15 de setembro de 2007**  
**Governador Valadares-MG.**

## **SEGUNDA PALESTRA:** **A IGREJA E AS CRISES LATINO-** **AMÉRICANAS**

**Objetivos:** Após terminar esta exposição, esperamos que você seja capaz de:

1. Conhecer as crises contemporâneas na América Latina e sua Igreja;
2. Conhecer as visões contemporâneas da relação entre missão e evangelismo;
3. Conhecer as perspectivas teológicas contemporâneas com vistas à relação entre ação social e evangelismo.

A literatura precedente sobre esta aula está dividida nas seguintes categorias: O exame da literatura focalizará estas três categorias. Porque os assuntos tratados nestas seções podem ser consideradas de muitas perspectivas, o potencial bibliográfico para tal abrangência é indubitavelmente vasto. Portanto, somente certos aspectos são analisados em cada seção estudada para esta aula:

- 1) Os tópicos seguintes são examinados nesta seção da aula: (1) O Desafio Urbano Latino-

Americano; (2) Crises Contemporâneas na América Latina e Sua Igreja;

3) O desafio social; 4) Visões Contemporâneas da Relação Entre Missão e Evangelismo.

### **1) O Desafio Urbano Latino-Americano**

Nesta transição para o terceiro milênio, quando a igreja de Jesus Cristo enfrenta grandes desafios para a evangelização do mundo,

### **3. VISÕES CONTEMPORÂNEAS DA RELAÇÃO ENTRE MISSÃO E EVANGELISMO**

Para esta aula, esta categoria está dividida em duas seções: 1) Conceitos de missão e evangelismo, e 2) evangelismo distinto de missão.

#### **A) Conceitos de Missão e Evangelismo**

Os cristãos reformados professam a seguinte confissão sobre a essência da missão cristã:

O Filho de Deus, por amor de toda a raça humana, do princípio ao fim do mundo, congrega, defende e preserva para si mesmo, por seu Espírito e Palavra, na unidade da fé, uma igreja escolhida para a vida eterna (*Catecismo de Heidelberg*, Dia do Senhor, XXI).

A inflexível atividade redentiva do Filho de Deus, exposta nesta passagem do Catecismo de Heidelberg, é dramaticamente demonstrada na atualidade. Obreiros estão sendo enviados por Deus em resposta às orações de seu povo. O evangelho está alcançando progresso sem precedentes em muitos países, pessoas de muitas culturas estão nascendo de novo, e igrejas estão sendo plantadas.

Um notável aspecto apontado por teólogos e missiólogos é a considerável mudança no mundo de hoje. Glasser mostra com sensibilidade que ela será um dos maiores desafios da nova era.

O mundo tem mudado grandemente desde o Congresso Internacional de Evangelização Mundial, realizado em Lausanne, Suíça, em 1974. Urbanização acelerada e conseqüente secularização, assustadora explosão populacional associada à desintegração da família, uso de drogas, terrorismo e violência, inflação e crescente empobrecimento, somados a um padrão universal quase epidêmico de corrupção política – todas estas realidades têm conspirado para provocar uma sensação universal de mal-estar com pouca perspectiva de remediar nos dias à frente.<sup>10</sup>

É verdade que muitas pessoas usam missão e evangelismo como sinônimos. Os que fazem isto não concordam necessariamente quanto ao significado de missão/evangelismo. Cinco diferentes posições a respeito desta questão são ressaltadas a seguir.

**Posição 1: Missão e evangelismo** referem-se ao ministério da igreja de ganhar almas para a eternidade, salvando-as das penas eternas. A maioria das pessoas que aderem a

---

<sup>10</sup> Arthur Glasser. *Mission in the 1990s*. International Bulletin of Missionary Research 13, January, p. 2.

esta visão seria adepta do premilenismo em sua teologia. De acordo com Marsden, típica do espírito premilenista é a posição de Dwight L. Moody, que afirmava em seus sermões: “Vejo o mundo como um navio naufragando. Deus deu-me um salva-vidas dizendo-me: ‘Moody, salve todos os que puder.’”<sup>11</sup>

**Posição 2:** Esta posição é ligeiramente mais suave que a primeira. Ela também aproxima **missão e evangelismo** para a salvação de almas. Entretanto, admite que seria bom para os envolvidos participar simultaneamente de atividades construtivas, como assistência e educação.

**Posição 3:** Aqui **missão e evangelismo** são definidos como atividades salvíficas. Contudo, em sua visão, os ministérios de serviço (educação, assistência médica, avanço social) são importantes, uma vez que eles atraem pessoas para Cristo. Eles podem funcionar como precursores e suportes para a obra missionária. Aqui a posição mantida por Lindsell é enfatizada: “A assistência social é um meio e um fim. Toda vez que ela torna

---

<sup>11</sup> G. M. Marsden. *Fundamentalism and American Culture: The Shaping of the twentieth Century evangelicalism* (New York: Oxford University Press), 38.

possível o confronto de homens com o evangelho, ela é útil”<sup>12</sup>

**Posição 4: Aqui *missão e evangelismo*** unem-se a outras atividades cristãs, da mesma forma como as sementes se unem aos frutos. A primeira meta é vista como mudança dos indivíduos por meio da proclamação verbal do evangelho. Uma vez que eles aceitam Cristo como Salvador, serão transformados e tornam-se envolvidos na sociedade como um fato natural. Na expressão de Trueblood, “o chamado para ser pescadores de homens precede ao chamado para lavar os pés uns dos outros.”<sup>13</sup>

**Posição 5: *Missão e evangelismo*** são certamente sinônimos, mas esta tarefa requer muito mais do que apenas a proclamação do evangelho da salvação eterna. Ela abrange o ministério cristão como um todo para o mundo fora da igreja.

## **B) Evangelismo Distinto de Missão**

---

<sup>12</sup> Harold Lindsell. A *Rejoinder* (Chicago, Illinois, USA: International Review of Mission, 216, October, p. 42.

<sup>13</sup> Elton Trueblood. *The Validity of the Christian Mission* (New York, USA: Harper and Row, 1972), p. 65.

São aqui focalizados quatro aspectos, nos quais o evangelismo e a missão distinguem-se entre si como referindo-se a diferentes realidades.

1. **Os objetivos da missão e do evangelismo são diferentes.** Sider afirma que na visão de Verkuyl, por exemplo, “o evangelismo tem a ver com a comunicação da fé cristã na sociedade ocidental, enquanto a missão significa comunicar o evangelho no terceiro mundo.”<sup>14</sup> De acordo com esta posição, o evangelismo refere-se àqueles que não são mais cristãos ou que são cristãos nominais. Ele se refere ao chamado de volta a Cristo dos que se tornaram estranhos à igreja. A missão, por outro lado, significa chamar à fé aqueles que sempre têm sido estranhos ao evangelho. Ele se refere aos que ainda não são cristãos.
2. O segundo grupo de teólogos, em vez de distinguir entre **evangelismo e missão**, decidiram simplesmente retirar a palavra *missão* de seu vocabulário.  
Em seu livro *Evangelização e Justiça*, Wash considera tudo o que a igreja está fazendo nas áreas de “desenvolvimento humano,

---

<sup>14</sup> Howard Snyder. *The Community of the King* (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1977), p. 6.

libertação, justiça e paz... partes integrantes do ministério de evangelização.”<sup>15</sup>

3. Um terceiro grupo de teólogos apresenta uma variação da posição citada no parágrafo anterior. Eles mantêm ambos os conceitos, *missão e evangelismo*; entretanto, a forma como eles o fazem é considerar o evangelismo como o termo mais amplo; conseqüentemente, a missão é tomada como o termo mais limitado. O evangelismo compreende proclamação, tradução, diálogo, serviço e presença. A missão, por outro lado, torna-se um conceito puramente teológico, usado para a origem, motivação e ratificação das atividades referidas acima.
4. O quarto aspecto, segundo o qual *missão e evangelismo* podem ser diferenciados é, de fato, o contrário do que foi definido no parágrafo acima. Aqui, a missão torna-se o conceito mais amplo, mais compreensivo, ao passo que o evangelismo se torna um conceito mais estreito. Há, contudo, diferentes meios pelos quais isto pode ser entendido:
  - (1) Stott, e em menor extensão do que convênio de Lausanne, define missão como evangelismo acrescido da ação social. “Estas

---

<sup>15</sup> John Wash. *Evangelization and Justice* (Maryknoll, New York: Orbis Books, 1982), p. 92.

duas partes ou aspectos da missão são ambos importantes; seguramente são imperativos,” afirma Stott. <sup>16</sup>

(2) Uma segunda variação no que diz respeito à missão que consiste no evangelismo e no envolvimento social é afirmar que estas duas expressões de missão são, na verdade, aspectos genuinamente diferentes de missão, porém, “uma vez que são igualmente importantes, a igreja cristã não deve atribuir prioridade a uma ou outra”, diz Snyder.<sup>17</sup>

## IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Os assuntos tematizados e estudados nesta aula conduz-nos as seguintes implicações práticas:

- 1 – Que a igreja do Senhor tem que atender as crises contemporâneas da América Latina;
- 2 – Que a Igreja do Senhor tem que abraçar o desafio social emergente;
- 3 – Que a Igreja do Senhor, independentemente de sua terminológica

---

<sup>16</sup> John Stott. *Involvement: Being a Responsible Christian in a Non-Christian Society* (Old Tappan, New Jersey: Fleming H. Hevell Company, 1985), p. 35.

<sup>17</sup> Howard Snyder. *The Problem of Wine Skins* (Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, 1975), p. 43.

teológica, tem que envidar esforços para realizar de modo cabal a sua missão.

**ASSUNTO TEMÁTICO: “O PAPEL DA  
AÇÃO SOCIAL  
DA IGREJA NO MUNDO URBANO HOJE”**  
**EXPOSITOR: REV. ANTONIO JOSÉ**  
**Sábado, 15 de setembro de 2007**  
**Governador Valadares-MG.**

**TERCEIRA PALESTRA:**  
**A IGREJA, SUA MISSÃO E SUAS**  
**PERSPECTIVAS**  
**CONTEMPORÂNEAS**

**Objetivos:** Após terminar esta exposição, esperamos que você seja capaz de:

1. Conhecer as perspectivas teológicas contemporâneas sobre a ação social da Igreja;
2. Conhecer a relação existente entre ação social e evangelismo; Perspectivas teológicas;
3. Conhecer a posição dos principais teólogos que dão ênfase sobre esta relação, dicotomizando a missão ou integrando-a.

**Perspectivas Teológicas Contemporâneas**  
**com Vistas à Relação**  
**Entre Ação Social e Evangelismo**

Entre os evangélicos há algumas vezes uma tensão entre evangelismo e preocupação social. Nem sempre é fácil harmonizar palavras e ações, pregação e prática, ou proclamação e demonstração conjuntamente em uma harmonia bíblica construtiva. Cada lado muitas vezes torna-se orgulhoso do fato de dar pouca ou nenhuma atenção às forças da posição oponente. Os cristãos podem apreciar a validade bíblica de seus mútuos argumentos e chegar a um consenso que incorporasse uma posição bíblica mais completa. Poderiam então apresentar ao mundo uma posição cristã que seria mais forte e mais equilibrada do que cada qual isoladamente.

Cristo chama os cristãos para verem as coisas da perspectiva de outra pessoa. Se os crentes o fizerem, chegarão muitas vezes a uma apreciação mais clara do outro lado. O Cristianismo converge para a vida como um todo, não apenas para as suas partes. É preciso um esforço especial para manter a perspectiva equilibrada que vê imparcialmente o panorama completo. Nove diferentes

perspectivas teológicas concernentes à relação entre a ação social e o evangelismo são expostas a seguir.

### **A) A Ação Social É um Alheamento do Evangelismo**

Alguns cristãos conservadores que sustentam uma visão extrema do dispensacionalismo consideram o evangelismo como a missão exclusiva da igreja. A maioria dos missionários saiu para o mundo unicamente como arrebanhadores de almas e plantadores de igrejas. Mas isto não significa ou sugere que aderentes desta visão desconsideram a educação, assistência médica e compaixão. O fato atual é que muitos deles estão muitas vezes envolvidos em atividades sociais que são consideradas secundárias. 18

### **B) A Ação Social É uma Traição ao Evangelismo**

---

<sup>18</sup> Tocumbo Adeyemo. *The renewal of Evangelical Theological Education* (Perception n. 19, January, 1982).

Isto nos leva a uma primeira visão de um extremo. Com uma pressuposição dualista de conflito entre espírito e corpo, sagrado e secular, eterno e temporal, e um tipo quase gnóstico de pietismo pessoal associado à desesperança do mundo (com guerras e rumores de guerra, pestilência, fome, tremores de terra. etc.), muitos aderentes desta visão consideram o envolvimento social como uma mudança indevida de legitimar o ilegítimo. O mundo para eles é mau e irrecuperavelmente corrupto. Os crentes devem afastar-se dele para evitar a contaminação. Ford e Stott localizaram a raiz desta visão da reação dos evangélicos no início do século vinte contra a disseminação do evangelho social. <sup>19</sup>

Esqueceu-se o fato de que o Deus da redenção é também o Deus da criação, que se assenta sobre o círculo da terra e mantém juntas todas as coisas. Esqueceu-se também o princípio de que o sal e a luz podem ter sentido funcional não em isolamento, mas somente no encontro do amor com o escuro mundo insosso.

---

<sup>19</sup> Leighton Ford. *Evangelism and Social Responsibility* (Lausanne Committee for World Evangelization, November, 1980), p. 1.

### **C) Ação Social é Evangelismo**

Há evangélicos cuja linha de distinção entre a responsabilidade social e o evangelismo é tão frágil que pode ser desprezada. Em seu livro, *Ação Social Contra o Evangelismo*, um ensaio sobre a crise contemporânea, Richardson afirma que o evangelismo é ação social. Ele conclui sua tese com estas palavras: “A ação social dificilmente é um subproduto do evangelismo, porque ela ocorre no momento em que alguém aceita o chamado para o discipulado”.<sup>20</sup>

Castro rejeita como artificial qualquer tentativa de construir uma distinção entre evangelismo e envolvimento social. Ele vê ambos existindo “como partes somente, e podem ser descobertos ou reconhecidos separadamente dentro da moldura de sua inter-relação” Em outro artigo ele declara: “O evangelismo existe somente onde há preocupação social. Sem ela pode haver propaganda, proselitismo, mas dificilmente boas novas.”<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> William Richardson. *Social Action versus Evangelism: an Essay on the Contemporary Crisis* (California: William Carey Library, 1977), p. 89.

<sup>21</sup> Emilio Castro. Liberation Development and Evangelism: must we choose in mission? (Occasional Bulletin of Missionary, n. 3, July, 1978), p. 88.

## **D) A Ação Social é um Meio para o Evangelismo**

Os sinônimos para a palavra *meio* neste contexto são *ponte e preparação*. Qualquer forma de atuação social, quer seja alimentar o faminto, dar remédio para o doente, educar o analfabeto, ou reabilitação de refugiados, é visto como um meio para um fim – ou seja o evangelismo e a conversão.

Visto deste ângulo, considere-se, por exemplo, o princípio de passar do conhecido para o desconhecido, da necessidade sentida para a real, do material para o espiritual. O ensino do Senhor Jesus Cristo a respeito de si mesmo como o verdadeiro pão da vida logo após alimentar cinco mil pessoas com o pão material adverte a pessoa contra a desconsideração tão prontamente daquele episódio (cf. João 6.1-29).

A história das missões modernas revela que os missionários se preocuparam com ambos os aspectos, a pregação do evangelho e a assistência social, como, por exemplo, medicamento para o doente, educação para os incultos, etc. Durante os dias coloniais muitas conversões que ocorreram no campo missionário teve lugar em escolas da missão.

Lindsell disse: “Toda vez que a assistência social tornar possível o confronto com os homens com o evangelho, será útil”.  
22

### **E) A Ação Social é uma Manifestação do Evangelismo**

Os defensores desta visão, incluindo Bavinck (1960) e Taylor (1986), vêem o envolvimento social como uma demonstração do evangelho. O primeiro dá visibilidade ao último. A analogia da fé e obra na epístola de Tiago é muitas vezes usada para explicar este ponto de vista. Stott, embora não seja ele próprio um defensor, chama a ação social nesta visão “o sacramento do evangelismo, porque ele faz a mensagem significativamente visível”. Ele localiza um forte precedente para a visão no ministério de Jesus Cristo, cujas palavras e ações foram como duas irmãs gêmeas. Ele expressa inquietação, entretanto, uma vez que a visão “faz da assistência uma subdivisão do evangelismo, um aspecto da

---

<sup>22</sup> Harold Lindsell. *A rejoinder* (International Review of Mission, n. 216, 1965), p. 439.

proclamação”.<sup>23</sup> Acrescente-se também que a diferença entre este ponto de vista e a quarta (que a ação social é um meio para o evangelismo) é apenas um grau e não do mesmo tipo, uma vez que ambos esperam o mesmo resultado.

### **F) A Ação Social é um Resultado ou Conseqüência do Evangelismo**

A posição de Johnston é o ponto de partida. Ele afirma:

A ação sócio-política foi sempre parte de ensiná-los “a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mateus 28.20). A missão da igreja era o evangelismo por seus membros no lar e fora dele. Expressões de amor e compaixão no evangelismo no lar e fora do lar são evidentes em dispensários, hospitais, escolas e orfanatos, que contribuem para essa missão de evangelismo. <sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> John Stott. *Christian Mission in the Modern World* (Downers Grove, Illinois: Inter-varsity Press, 1977), p. 26.

<sup>24</sup> Arthur Johnstone. *The battle for World Evangelism* (Wheaton, Illinois: Tyndale House Publishers, Inc., 1978), p. 360.

O missiólogo-teólogo Johnson advoga as visões daqueles que crêem que mudar as pessoas por meio da proclamação verbal do evangelho é primacial e que, em segundo lugar, as vidas transformadas tornam-se socialmente envolvidas simplesmente como consequência natural. Os advogados deste ponto de vista sustentam vigorosamente a prioridade do evangelismo. A ação social e o melhoramento social são vistos como valiosos somente onde o novo nascimento precedeu e preparou a sociedade para aceitá-los e sustentá-los. Esta posição tem sido criticada como surportadora do *status quo*; maximizando os pecados pessoais, enquanto minimizando o mal estrutural.

### **G) A Ação Social é Parceira do Evangelismo**

O principal advogado desta visão é Stott. Ele articula sua tese nas seguintes palavras: Como parceiros, ambos se pertencem e, não obstante, são independentes um do outro. Cada qual firma-se sobre seus próprios pés em seu próprio direito lado a lado. Nenhum deles é um meio para o outro, ou mesmo uma

manifestação do outro. Pois cada um é um fim em si mesmo. Ambos são expressões do amor não fingido. <sup>25</sup>

Em apoio de sua posição, Stott chama a atenção dos cristãos para a analogia *ter e ver* do apóstolo João (1 João 3.17,18). Ele se apressa a acrescentar que os dois, evangelismo e ação social, nem sempre precisam andar juntos, uma vez que as situações variam como também os chamados cristãos. Ele argumenta que a pessoa não deve normalmente ter de escolher, mas deve saber que a salvação eterna é mais importante do que o bem-estar temporal

Esta visão tem recebido críticas em duas formas principais. Johnstone alega:

Ela tem criado dicotomia desnecessária que, no final do dia, enfraquece o testemunho verbal da igreja pelo evangelismo. Esta visão não somente impede o crescimento da igreja, mas prova-se auto-destrutivo no sentido de que os filhos potenciais do Reino não estão reunidos

---

<sup>25</sup> John Stott. *Christian Mission in the Modern World* (Downers Grove, Illinois: Inter-varsity Press, 1977), p. 27.

para produzir seu fruto do espírito no mundo.  
26

Stott responde a esta alegação, dizendo:

Certamente as *palavras e obras* de Jesus pertenciam indissoluvelmente umas às outras. Em certos sentidos suas obras tornaram suas palavras visíveis, uma proclamação visual do evangelho do reino, e suscitaram fé. As boas obras cristãs de amor têm a mesma natureza e efeito.  
27

Em segundo lugar, a posição que vê a ação social como uma parceira do evangelismo tem sido criticada por reter a idéia de *tarefa básica* para o evangelismo, que, por sua vez, tem sido interpretado por seus críticos como fazendo a preocupação social subordinada ao evangelismo. A isto Stott respondeu, admitindo a expressão:

---

<sup>26</sup> Arthur Johnstone. *The battle for World Evangelism* (Wheaton, Illinois: Tyndale House Publishers, Inc., 1978), p. 1.

<sup>27</sup> John Stott. *Christian Mission in the Modern World* (Downers Grove, Illinois: Inter-varsity Press, 1977), p. 26..

Parceiros distintos ainda que iguais, uma vez que ambos os ministérios (evangelístico e dedicação social) são qualificados não somente em teoria pela importância maior do eterno (2 Coríntios 4.17,18), mas em prática, ambos por situações existenciais e chamados especiais. 28

### **H) A Ação Social e o Evangelismo São Igualmente Importantes, Porém Aspectos Diferentes da Missão Total da Igreja**

Neste campo há proponentes como Sider (1979), Scott (1980), Escobar (1978) e Bosch (1980). Se alguma palavra pode ser vista como adequada para caracterizar a missão da igreja, de acordo com Bosh, “será o conceito bíblico *martyria* (testemunha), que pode ser subdividida em *kerygma* (proclamação), *koinonia* (comunhão), *diakonia* (serviço)... e *leitourgia* (liturgia)”.

Quanto à questão sobre onde se unem a obra social e o evangelismo, Bosh responde:

---

28 Ibid. p. 22

Eles se assemelham às duas lâminas da tesoura, que operam em unísono, mantidos juntos pela *koinonia*, a comunhão, que, de igual modo, não é parte separada da tarefa da igreja, mas sim o cimento que mantém juntas a *kerygma* e a *diakonia*... ambas dimensões indissoluvelmente unidas. 29

Bosh assinala um reconhecimento de uma variedade de dons, significando que diferentes cristãos desempenham diferentes papéis, e, mais importante, variando situações que requerem diversificação de formas do testemunho cristão. A este respeito Bosh e Stott concordam.

Em sua opção distinta e ao mesmo tempo igual, Sider, entretanto, vê uma inter-relação inseparável. Ele afirma que “a proclamação do evangelho bíblico inclui necessariamente um chamado ao arrependimento e abandono de todas as formas de pecado – pessoal e estrutural”. Para substanciar sua alegação, Sider cita os papéis de William Wilberforce e Charles Finney, na Grã-Bretanha e na

---

<sup>29</sup> David Bosch. *Witness to the World* (London, England: Marschall, Morgan and Scott, 1980), p. 227.

América respectivamente, no movimento abolicionista.

Sider argumenta:

Os Evangelhos não estabelecem qualquer indicação, seja teoricamente ou pelo espaço devotado a cada um, que Jesus considerou a pregação *das* mais importante do que curar as pessoas doentes. Ele nos recomendou tanto alimentar o faminto quanto pregar o evangelho, sem acrescentar que este último era fundamental e o primeiro seria feito quando e se houvesse tempo disponível. <sup>30</sup>

Este ponto de vista não é isento de críticas. Ele falhou ao “parecer reduzir o vertical em benefício do horizontal”.

## **I) A Ação Social É Parte da Proclamação do Evangelho**

---

<sup>30</sup> Ronald Sider. *Evangelism, Salvation and Social Justice* (London, England: Hodder and Stoughton, 1979), p. 17.

Para os que a advogam, a assistência social é mais do que apenas alimentar o faminto e curar o doente. É trazer a justiça de Cristo para permear cada aspecto da vida – social, econômico, religioso, político, etc. A tarefa da igreja permanece pregar o evangelho e conquistar o mundo para Cristo. Mas esta tarefa de pregar o evangelho do Reino inclui tudo, até mesmo a responsabilidade sócio-política da igreja e de seus membros.

Em seu livro *Um Manifesto Cristão*, Schaeffer defende veementemente que a verdadeira espiritualidade cobre tudo da vida e tudo da vida igualmente (Schaeffer, 1981). Ele recorda que os velhos reavivamentos reivindicava, sem qualquer dúvida e com extraordinária clareza, a salvação pessoal. Mas eles também reivindicavam uma ação social conseqüente. Ressaltando o nome de homens como Lord Shaftesbury (1801-1855), que representou a justiça em favor do pobre no meio da Revolução Industrial, e William Wilberforce (1759-1833), ele reforça sua posição, a saber:

Estes homens não fizeram essas coisas ocasionalmente, mas porque as viram como parte da boas-novas de Cristo. Deus usou os

envolvidos nos reavivamentos para produzir os resultados duradouros, não somente em termos da salvação individual, mas também da atividade social, testemunhando em palavras e em obras (Ef. 2:10). 31

---

<sup>31</sup> Francis Schaeffer. A Christian manifesto (Weschester, Illinois: Crossway Books, 1981), p. 63

**ASSUNTO TEMÁTICO: “O PAPEL DA  
AÇÃO SOCIAL  
DA IGREJA NO MUNDO URBANO HOJE”**  
**EXPOSITOR: REV. ANTONIO JOSÉ**  
**Sábado, 15 de setembro de 2007**  
**Governador Valadares-MG.**

ANEXO I

**O PACTO DE LAUSANNE**

**Introdução**

Nós, membros da Igreja de Jesus Cristo,  
procedentes de mais de 150 nações, participantes

do Congresso Internacional de Evangelização Mundial, em Lausanne, louvamos a Deus por sua grande salvação, e regozijamo-nos com a comunhão que, por graça dele mesmo, podemos ter com ele e uns como os outros. Estamos profundamente tocados pelo que Deus vem fazendo em nossos dias, movidos ao arrependimento por nossos fracassos e desafiados pela tarefa inacabada da evangelização. Acreditamos que o evangelho são as boas novas de Deus para todo o mundo, e por sua graça, decidimo-nos a obedecer ao mandamento de Cristo de proclamá-lo a toda a humanidade e fazer discípulos de todas as nações. Desejamos, portanto, reafirmar a nossa fé e a nossa resolução, e tornar público o nosso pacto.

## **1. O Propósito de Deus**

Afirmamos a nossa crença no único Deus eterno, Criador e Senhor do Mundo, Pai, Filho e Espírito Santo, que governa todas as coisas segundo o propósito da sua vontade. Ele tem chamado do mundo um povo para si, enviando-o novamente ao mundo como seus servos e testemunhas, para estender o seu reino, edificar o corpo de Cristo, e também para a glória do seu nome. Confessamos, envergonhados, que muitas vezes negamos o nosso

chamado e falhamos em nossa missão, em razão de nos termos conformado ao mundo ou nos termos isolado demasiadamente. Contudo, regozijamo-nos com o fato de que, mesmo transportado em vasos de barro, o evangelho continua sendo um tesouro precioso. À tarefa de tornar esse tesouro conhecido, no poder do Espírito Santo, desejamos dedicar-nos novamente.

## **2. A Autoridade e o Poder da Bíblia**

Afirmamos a inspiração divina, a veracidade e autoridade das Escrituras tanto do Velho como do Novo Testamento, em sua totalidade, como única Palavra de Deus escrita, sem erro em tudo o que ela afirma, e a única regra infalível de fé e prática.

Também afirmamos o poder da Palavra de Deus para cumprir o seu propósito de salvação. A mensagem da Bíblia destina-se a toda a humanidade, pois a revelação de Deus em Cristo e na Escritura é imutável. Através dela o Espírito Santo fala ainda hoje. Ele ilumina as mentes do povo de Deus em toda cultura, de modo a perceberem a sua verdade, de maneira sempre nova, com os próprios olhos, e assim revela a toda a igreja uma porção cada vez maior da multiforme sabedoria de Deus.

### **3. A Unicidade e a Universalidade de Cristo**

Afirmamos que há um só Salvador e um só evangelho, embora exista uma ampla variedade de maneiras de se realizar a obra de evangelização. Reconhecemos que todos os homens têm algum conhecimento de Deus através da revelação geral de

Deus na natureza. Mas negamos que tal conhecimento possa salvar, pois os homens, por sua injustiça, suprimem a verdade. Também rejeitamos, como depreciativo de Cristo e do evangelho, todo e qualquer tipo de sincretismo ou de diálogo cujo pressuposto seja o de que Cristo fala

igualmente através de todas as religiões e ideologias. Jesus Cristo, sendo ele próprio o único Deus-homem, que se deu uma só vez em resgate pelos pecadores, é o único mediador entre Deus e o

homem. Não existe nenhum outro nome pelo qual importa que sejamos salvos. Todos os homens estão perecendo por causa do pecado, mas Deus ama todos os homens, desejando que nenhum pereça, mas que todos se arrependam. Entretanto, os que rejeitam Cristo repudiam o gozo da salvação e condenam-se à separação eterna de Deus. Proclamar Jesus como "o Salvador do mundo" não é afirmar que todos os homens, automaticamente, ou ao final

de tudo, serão salvos; e muito menos que todas as religiões ofereçam salvação em Cristo. Trata-se antes de proclamar o amor de Deus por um mundo de pecadores e convidar todos os homens a se entregarem a ele como Salvador e Senhor no sincero compromisso pessoal de arrependimento e fé. Jesus Cristo foi exaltado sobre todo e qualquer nome. Anelamos pelo dia em que todo joelho se dobrará diante dele e toda língua o confessará como Senhor.

#### **4. A Natureza da Evangelização**

Evangelizar é difundir as boas novas de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou segundo as Escrituras, e de que, como Senhor e Rei, ele agora oferece o perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito a todos os que se arrependem e crêem. A nossa presença cristã no mundo é indispensável à evangelização, e o mesmo se dá com aquele tipo de diálogo cujo propósito é ouvir com sensibilidade, a fim de compreender. Mas a evangelização propriamente dita é a proclamação do Cristo bíblico e histórico como Salvador e Senhor, com o intuito de persuadir as pessoas a vir a ele pessoalmente e, assim, se reconciliarem com Deus. Ao fazermos o

convite do evangelho, não temos o direito de esconder o custo do discipulado. Jesus ainda convida todos os que queiram segui-lo e negarem-se a si mesmos, tomarem a cruz e identificarem-se com a sua nova comunidade. Os resultados da evangelização incluem a obediência a Cristo, o ingresso em sua igreja e um serviço responsável no mundo.

## **5. A Responsabilidade Social Cristã**

Afirmamos que Deus é o Criador e o Juiz de todos os homens. Portanto, devemos partilhar o seu interesse pela justiça e pela conciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão. Porque a humanidade foi feita à imagem de Deus, toda pessoa, sem distinção de raça, religião, cor, cultura, classe social, sexo ou idade possui uma dignidade intrínseca em razão da qual deve ser respeitada e servida, e não explorada. Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas. Embora a reconciliação com o homem não seja reconciliação com Deus, nem a ação social evangelização, nem a libertação política salvação, afirmamos que a evangelização e o

envolvimento sócio-político são ambas partes do nosso dever cristão. Pois ambas são necessárias expressões de nossas doutrinas acerca de Deus e do homem, de nosso amor por nosso próximo e de nossa obediência a Jesus Cristo. A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, nascem de novo em seu reino e devem procurar não só evidenciar mas também divulgar a retidão do reino em meio a um mundo injusto. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta.

## **6. A Igreja e a Evangelização**

Afirmamos que Cristo envia o seu povo redimido ao mundo assim como o Pai o enviou, e que isso requer uma penetração de igual modo profunda e sacrificial. Precisamos deixar os nossos guetos eclesiais e penetrar na sociedade não-cristã. Na missão de serviço sacrificial da igreja a evangelização é primordial. A evangelização mundial

requer que a igreja inteira leve o evangelho integral ao mundo todo. A igreja ocupa o ponto central do propósito divino para com o mundo, e é o agente que ele promoveu para difundir o evangelho. Mas uma igreja que pregue a Cruz deve, ela própria, ser marcada pela Cruz. Ela torna-se uma pedra de tropeço para a evangelização quando trai o evangelho ou quando lhe falta uma fé viva em Deus, um amor genuíno pelas pessoas, ou uma honestidade escrupulosa em todas as coisas, inclusive em promoção e finanças. A igreja é antes a comunidade do povo de Deus do que uma instituição, e não pode ser identificada com qualquer cultura em particular, nem com qualquer sistema social ou político, nem com ideologias humanas.

## **7. Cooperação na Evangelização**

Afirmamos que é propósito de Deus haver na igreja uma unidade visível de pensamento quanto à verdade. A evangelização também nos convoca à unidade, porque o ser um só corpo reforça o nosso testemunho, assim como a nossa desunião enfraquece o nosso evangelho de reconciliação. Reconhecemos, entretanto, que a unidade organizacional pode tomar muitas formas e não ativa necessariamente a evangelização. Contudo, nós,

que partilhamos a mesma fé bíblica, devemos estar intimamente unidos na comunhão uns com os outros, nas obras e no testemunho. Confessamos que o nosso testemunho, algumas vezes, tem sido manchado por pecaminoso individualismo e desnecessária duplicação de esforço. Empenhamo-nos por encontrar uma unidade mais profunda na verdade, na adoração, na santidade e na missão. Instamos para que se apresse o desenvolvimento de uma cooperação regional e funcional para maior amplitude da missão da igreja, para o planejamento estratégico, para o encorajamento mútuo, e para o compartilhamento de recursos e de experiências.

## **8. Esforço Conjugado de Igrejas na Evangelização**

Regoziamo-nos com o alvorecer de uma nova era missionária. O papel dominante das missões ocidentais está desaparecendo rapidamente. Deus está levantando das igrejas mais jovens um grande e novo recurso para a evangelização mundial, demonstrando assim que a responsabilidade de evangelizar pertence a todo o corpo de Cristo. Todas as igrejas, portanto, devem perguntar a Deus, e a si próprias, o que deveriam estar fazendo tanto para alcançar suas próprias áreas como para enviar missionários a outras partes do mundo. Deve ser

permanente o processo de reavaliação da nossa responsabilidade e atuação missionária. Assim, haverá um crescente esforço conjugado pelas igrejas, o que revelará com maior clareza o caráter universal da igreja de Cristo. Também agradecemos a Deus pela existência de instituições que laboram na tradução da Bíblia, na educação teológica, no uso dos meios de comunicação de massa, na literatura cristã, na evangelização, em missões, no avivamento de igrejas e em outros campos especializados. Elas também devem empenhar-se em constante auto-exame que as levem a uma avaliação correta de sua eficácia como parte da missão da igreja.

## **9. Urgência da Tarefa Evangelística**

Mais de dois bilhões e setecentos milhões de pessoas, ou seja, mais de dois terços da humanidade, ainda estão por serem evangelizadas. Causa-nos vergonha ver tanta gente esquecida; continua sendo uma reprimenda para nós e para toda a igreja. Existe agora, entretanto, em muitas partes do mundo, uma receptividade sem precedentes ao Senhor Jesus Cristo. Estamos convencidos de que esta é a ocasião para que as igrejas e as instituições para-eclesiásticas orem com seriedade pela salvação

dos não-alcançados e se lancem em novos esforços para realizarem a evangelização mundial. A redução de missionários estrangeiros e de dinheiro num país evangelizado algumas vezes talvez seja necessária para facilitar o crescimento da igreja nacional em autonomia, e para liberar recursos para áreas ainda não evangelizadas. Deve haver um fluxo cada vez mais livre de missionários entre os seis continentes num espírito de abnegação e prontidão em servir. O alvo deve ser o de conseguir por todos os meios possíveis e no menor espaço de tempo, que toda pessoa tenha a oportunidade de ouvir, de compreender e de receber as boas novas. Não podemos esperar atingir esse alvo sem sacrifício. Todos nós estamos chocados com a pobreza de milhões de pessoas, e conturbados pelas injustiças que a provocam. Aqueles dentre nós que vivem em meio à opulência aceitam como obrigação sua desenvolver um estilo de vida simples a fim de contribuir mais generosamente tanto para aliviar os necessitados como para a evangelização deles.

## **10. Evangelização e Cultura**

O desenvolvimento de estratégias para a evangelização mundial requer metodologia nova e

criativa. Com a bênção de Deus, o resultado será o surgimento de igrejas profundamente enraizadas em Cristo e estreitamente relacionadas com a cultura local. A cultura deve sempre ser julgada e provada pelas Escrituras. Porque o homem é criatura de Deus, parte de sua cultura é rica em beleza e em bondade; porque ele experimentou a queda, toda a sua cultura está manchada pelo pecado, e parte dela é demoníaca. O evangelho não pressupõe a superioridade de uma cultura sobre a outra, mas avalia todas elas segundo o seu próprio critério de verdade e justiça, e insiste na aceitação de valores morais absolutos, em todas as culturas. As missões, muitas vezes têm exportado, juntamente com o evangelho, uma cultura estranha, e as igrejas, por vezes, têm ficado submissas aos ditames de uma determinada cultura, em vez de às Escrituras. Os evangelistas de Cristo têm de, humildemente, procurar esvaziar-se de tudo, exceto de sua autenticidade pessoal, a fim de se tornarem servos dos outros, e as igrejas têm de procurar transformar e enriquecer a cultura; tudo para a glória de Deus.

## **11. Educação e Liderança**

Confessamos que às vezes temos nos empenhado em conseguir o crescimento numérico da igreja em detrimento do espiritual, divorciando a evangelização da edificação dos crentes. Também reconhecemos que algumas de nossas missões têm sido muito remissas em treinar e incentivar líderes nacionais a assumirem suas justas responsabilidades. Contudo, apoiamos integralmente os princípios que regem a formação de uma igreja de fato nacional, e ardentemente desejamos que toda a igreja tenha líderes nacionais que manifestem um estilo cristão de liderança não em termos de domínio, mas de serviço. Reconhecemos que há uma grande necessidade de desenvolver a educação teológica, especialmente para líderes eclesiais. Em toda nação e em toda cultura deve haver um eficiente programa de treinamento para pastores e leigos em doutrina, em discipulado, em evangelização, em edificação e em serviço. Este treinamento não deve depender de uma metodologia estereotipada, mas deve se desenvolver a partir de iniciativas locais criativas, de acordo com os padrões bíblicos.

## **12. Conflito Espiritual**

Creemos que estamos empenhados num permanente conflito espiritual com os principados e potestades do mal, que querem destruir a igreja e frustrar sua tarefa de evangelização mundial. Sabemos da necessidade de nos revestirmos da armadura de Deus e combater esta batalha com as armas espirituais da verdade e da oração. Pois percebemos a atividade no nosso inimigo, não somente nas falsas ideologias fora da igreja, mas também dentro dela em falsos evangelhos que torcem as Escrituras e colocam o homem no lugar de Deus. Precisamos tanto de vigilância como de discernimento para salvaguardar o evangelho bíblico. Reconhecemos que nós mesmos não somos imunes ao perigo de capitularmos ao secularismo. Por exemplo, embora tendo à nossa disposição pesquisas bem preparadas, valiosas, sobre o crescimento da igreja, tanto no sentido numérico como espiritual, às vezes não as temos utilizado. Por outro lado, por vezes tem acontecido que, na ânsia de conseguir resultados para o evangelho, temos comprometido a nossa mensagem, temos manipulado os nossos ouvintes com técnicas de pressão, e temos estado excessivamente preocupados com as estatísticas, e até mesmo utilizando-as de forma desonesta. A igreja tem que estar no mundo; o mundo não tem que estar na igreja.

### 13. Liberdade e Perseguição

É dever de toda nação, dever que foi estabelecido por Deus, assegurar condições de paz, de justiça e de liberdade em que a igreja possa obedecer a Deus, servir a Cristo Senhor e pregar o evangelho sem impedimentos. Portanto, oramos pelos líderes das nações e com eles instamos para que garantam a liberdade de pensamento e de consciência, e a liberdade de praticar e propagar a religião, de acordo com a vontade de Deus, e com o que vem expresso na Declaração Universal do Direitos Humanos. Também expressamos nossa profunda preocupação com todos os que foram injustamente encarcerados, especialmente com nossos irmãos que estão sofrendo por causa do seu testemunho do Senhor Jesus. Prometemos orar e trabalhar pela libertação deles. Ao mesmo tempo, recusamo-nos a ser intimidados por sua situação. Com a ajuda de Deus, nós também procuraremos nos opor a toda injustiça e permanecer fiéis ao evangelho, seja a que custo for. Não nos esqueçamos de que Jesus nos preveniu de que a perseguição é inevitável.

### 14. O Poder do Espírito Santo

Creemos no poder do Espírito Santo. O pai enviou o seu Espírito para dar testemunho do seu Filho. Sem o testemunho dele o nosso seria em vão. Convicção de pecado, fé em Cristo, novo nascimento cristão, é tudo obra dele. De mais a mais, o Espírito Santo é um Espírito missionário, de maneira que a evangelização deve surgir espontaneamente numa igreja cheia do Espírito. A igreja que não é missionária contradiz a si mesma e debela o Espírito. A evangelização mundial só se tornará realidade quando o Espírito renovar a igreja na verdade, na sabedoria, na fé, na santidade, no amor e no poder. Portanto, instamos com todos os cristãos para que orem pedindo pela visita do soberano Espírito de Deus, a fim de que o seu fruto todo apareça em todo o seu povo, e que todos os seus dons enriqueçam o corpo de Cristo. Só então a igreja inteira se tornará um instrumento adequado em Suas mãos, para que toda a terra ouça a Sua voz.

### **15. O Retorno de Cristo**

Creemos que Jesus Cristo voltará pessoal e visivelmente, em poder e glória, para consumir a salvação e o juízo. Esta promessa de sua vinda é um estímulo ainda maior à evangelização, pois lembramo-nos de que ele disse que o evangelho deve ser primeiramente pregado a todas as nações.

Acreditamos que o período que vai desde a ascensão de Cristo até o seu retorno será preenchido com a missão do povo de Deus, que não pode parar esta obra antes do Fim. Também nos lembramos da sua advertência de que falsos cristos e falsos profetas apareceriam como precursores do Anticristo. Portanto, rejeitamos como sendo apenas um sonho da vaidade humana a idéia de que o homem possa algum dia construir uma utopia na terra. A nossa confiança cristã é a de que Deus aperfeiçoará o seu reino, e aguardamos ansiosamente esse dia, e o novo céu e a nova terra em que a justiça habitará e Deus reinará para sempre. Enquanto isso, rededicamo-nos ao serviço de Cristo e dos homens em alegre submissão à sua autoridade sobre a totalidade de nossas vidas.

### **Conclusão**

Portanto, à luz desta nossa fé e resolução, firmamos um pacto solene com Deus, bem como uns com os outros, de orar, planejar e trabalhar juntos pela evangelização de todo o mundo. Instamos com outros para que se juntem a nós. Que Deus nos

ajude por sua graça e para a sua glória a sermos fiéis  
a este Pacto! Amém. Aleluia!

**[Lausanne, Suíça, 1974]**

